

A Mundialização Imperialista

*Marcos Del Roio**

Resumo:

Um debate que tem sido travado hoje em dia e que tem implicações políticas importantes trata da natureza da atual fase do desenvolvimento capitalista. Há idéias diferentes sobre se existe uma tendência unipolar ou multipolar na fase atual, se a concepção de imperialismo continua sendo explicativa ou se hoje se vive uma fase com características inéditas. Esse artigo defende a idéia de que a fase atual do capitalismo é uma fase que se aproxima da realização de um império universal, perspectiva existente antes mesmo do capitalismo, mas que a suas características fundamentais se expressam em um aprofundamento do imperialismo capitalista, particularmente a financeirização e a militarização. No entanto, são as próprias contradições imperialistas a conter a realização do império do mundo.

A natureza imperialista do Império do Mundo

A compreensão do momento histórico mundial pelo qual passa a humanidade, nesse início de século XXI, quando surgem fortes os indícios de uma crise que se difunde por todas dimensões da existência, colocando em risco a própria reprodução da espécie, exige, antes de tudo, a apreensão da sua particularidade. Mas a particularidade de um período sócio-histórico só pode ser efetivamente percebido quando inserido no contexto de um prolongado processo, no qual sejam localizados, pelo menos, alguns elementos explicativos das condições atuais.¹

De fato, o início do novo milênio marca uma nova fase no empenho de construção e implantação do Império Universal do Ocidente.² O espetacular ataque, carregado de simbolismo, perpetrado contra instalações militares do Estado americano e do capital financeiro, em setembro de 2001, ofereceu o motivo discursivo para que o Império desencadeasse uma ofensiva em diversas frentes, visando ampliar o controle militar sobre todo o planeta, privilegiando áreas estratégicas para o controle de recursos e para o bloqueio de eventuais pólos de poder contrastantes. A brutal repressão ao movimento *no-global* em Gênova e as guerras de agressão e colonização desencadeadas pelos EUA, demonstram que a

* Prof. de Ciências Políticas FFC-Unesp / Marília

¹ Uma tentativa nessa direção pode ser vista em Arrighi (1996).

² Por certo, a acepção aqui usada de Império em nada se assemelha àquela de recente e pouco justificável sucesso desenvolvida por Hardt & Negri (2001). Nesse livro se exprime uma visão idílica do Império, no qual as instituições americanas encontrariam uma difusão tendencialmente universal, contando com a ONU e o direito internacional como emissários, fazendo o descentramento uma característica essencial dessa ordem de coisas, que seria uma superação do imperialismo capitalista visto e combatido por Lênin e Rosa Luxemburg.

mundialização do capital ou a “globalização” representam, de fato, um aprofundamento do imperialismo capitalista e não a sua superação.

O Afeganistão – e a Ásia central – ganhou momentânea evidência, quando os EUA e alguns aliados se empenharam em controlar a gás, do qual é rica a região e montar uma base estratégica entre a China e o Irã. A evidência deslocou-se em seguida para a agressão anglo-americana, seguida de ocupação do Iraque. O foco pode englobar novamente a questão palestina, tornada, mais que antes, uma questão regional de importância decisiva. Mas não pode haver dúvidas de que a chamada ‘guerra ao terrorismo’ somente mascara os fundamentos contraditórios do nosso tempo e que sustentam o domínio imperial da oligarquia financeira transnacional, cuja fração hegemônica encontra-se enraizada nos EUA.

Desde fins da década de 70 do século terminado, assistimos uma ofensiva do capital contra o mundo do trabalho, assim como um esforço de implantação de um Império Universal, nucleado no poder da oligarquia financeira transnacional e de suas instituições (Banco Mundial, FMI, OMC), mediado pelo poder político de alguns Estados, articulados no Grupo dos 7, mas muito particularmente pelos EUA. O objetivo é a mundialização do capital e a sua consolidação como único sujeito político livre. A principal ideologia que oferece guarida a esse intento é a da ‘globalização neoliberal’, vista como processo irrevogável de abertura de mercados, de flexibilização da proteção ao trabalho e privatização da esfera pública, mas cuja implicação é a nova colonização das zonas periféricas do almejado Império.³

Acoplada e desdobrada dessa ideologia estão as diversas concepções de ‘pós-modernismo’, que se opõem a qualquer intento de leitura orgânica do processo histórico e do capital como contradição social. Apelando para o niilismo epistemológico e para a ênfase nas identidades culturais particulares auto-suficientes, relativizam de tal modo o momento histórico que se torna impossível qualquer vislumbre de projeto social fora da ordem do Império. A ideologia do ‘fim da história’, resgatada e empobrecida, nos anos 90, por Francis Fukuyama, atualmente deu lugar a um presumido ‘choque de civilizações’, anunciado por Samuel Huntington, mais adequado ao momento de ofensiva militar e que dá margem a gafes diplomáticas, como o resgate da idéia de ‘cruzada’ pela gestão de Baby Bush na Casa Branca.

O processo de construção do Império do Mundo.

Vivemos uma época que culmina a luta pela construção do Império do Mundo; um projeto histórico surgido em torno do século XI, pela necessidade de estabilização da ordem social do feudalismo do Ocidente por iniciativa da Igreja de Roma, que se arrogava como poder nuclear. Contou com o amparo das cidades mercantis e da nobreza, que tinha interesse em expandir seu domínio, não só sobre os servos, mas também sobre territórios ocupados por outros povos e culturas, da qual a ideologia da “cruzada” foi a marca mais saliente.

³ Uma referência indispensável para se refletir criticamente sobre o processo de mundialização e financeirização do capital é Chesnais (1996).

Essa trajetória ganhou em dimensão e complexidade a partir da relativa autonomização da acumulação do capital mercantil e da formação dos Estados territoriais absolutistas, no século XVI, a partir dos antigos reinos feudais. O surgimento das Igrejas reformadas e a reorganização da Igreja de Roma, após longa crise, fizeram ainda persistir o cristianismo como ideologia imperial que justificava a conquista de territórios e gentes pela ‘guerra justa’, assim como a perseguição às mulheres.

Apenas lentamente, com o surgimento do capitalismo na Inglaterra, o liberalismo foi tomando lugar como ideologia imperial, mantido o cristianismo como forma de manutenção da passividade dos trabalhadores pobres e das mulheres no interior do Ocidente. A disseminação do capitalismo, as revoluções burguesas e a complementação de Estados nacional-liberais deram origem a um longo período de disputa entre os principais Estados pelo papel hegemônico dentro do contexto imperial do Ocidente, alternando-se a concorrência no mercado e o conflito armado, sempre em busca de uma impossível ‘paz perpétua’ sob a lógica do capital e do egoísmo proprietário.

Do século XI ao XVII, o Ocidente observou no islamismo, primeiro os califados e depois o império turco otomano, uma ameaça que pairava sobre sua própria vontade de domínio, que se tornou mais forte na medida em que foi se impondo a lógica da acumulação do capital. Dos argumentos teológicos se passou para argumentos racionais ‘científicos’ para justificar a conquista e a submissão de outros povos, particularmente os do Oriente, mas cujas vítimas principais foram os povos autóctones da América, esse novo Ocidente subalterno.

As revoluções burguesas e o liberalismo favoreceram a emancipação política no interior do Ocidente, convergindo com a demanda da própria lógica do capital. A contradição inerente à apropriação privada da riqueza socialmente produzida gerou a classe operária como ser potencialmente antagônico a ordem social e política do Império, configurado como uma rede de Estados nacionais. Mas, na passagem do século XIX ao XX, uma parte do movimento operário havia sido já incorporada aos Estados imperialistas, por meio da aquisição do estatuto da cidadania e de ganhos relativos dentro da ordem, inclusive com a expansão imperial sobre os povos não-ocidentais.⁴

A eclosão da guerra dos 30 anos do século XX, no interior do Ocidente, envolveu toda a rede de Estados imperialistas numa acirrada disputa pela condução do Império do Ocidente, tendo em vista o declínio relativo da Inglaterra e França. Com instrumentos econômicos e militares, políticos e diplomáticos esse conflito se prolongou até 1945, quando os EUA consolidam seu papel de força hegemônica.

O custo dessa violenta contenda interimperialista foi alto, pois que possibilitou, a partir da Rússia, a ruptura revolucionária da rede imperial multipolar, que, mesmo isolada e não conseguindo difundir a revolução socialista para o núcleo do Ocidente, serviu de guarida para os movimentos de emancipação nacional e social que eclodiram por toda a periferia do Império e deu respaldo para

⁴ Essa trajetória da construção do Império do Mundo pode ser seguida em Del Roio (1998).

o avanço do movimento operário no seio dos próprios países imperialistas ocidentais. E mais, embora tampouco tenha conseguido levar avante a transição socialista (por motivos extremamente complexos, que não cabem ser discutidos aqui), tendo-se cristalizado como uma forma de socialismo de Estado, a URSS conseguiu difundir sua forma social e política ao final da guerra dos 30 anos do século XX, fortalecendo o anteparo às lutas de emancipação dos povos do Oriente e da África. Nesse quadro, destacam-se, por um lado, o arco de países da Europa oriental que assumiram a forma econômico-política de socialismo estatal e as revoluções chinesa e vietnamita.

Uma situação de relativo equilíbrio estratégico, garantido pelo poder das armas nucleares, perdurou até o final dos anos 70, quando a fase expansiva da acumulação do capital baseada no padrão fordista entrou em crise e quando a cristalização do poder burocrático pseudo-socialista entrou em declínio, por não mais conseguir mascarar a defesa de interesses particularistas com a expansão econômica, que cessava de ocorrer, principalmente pela incapacidade na incorporação de produtividade ao trabalho.

Assim é que tendo amargado a derrota no Vietnã, no Iran e na Nicarágua, e vendo o avanço do movimento operário e popular em alguns países da Europa ocidental, assim como a emergência de novos pólos de avanço capitalista (como o Brasil e a Índia) ficou patente a necessidade de se reorganizar o poder imperial a fim de abrir caminho para a ofensiva do capital na produção, por meio de uma revolução tecnológica e gerencial que apontasse para a superação do fordismo. O ataque contra o movimento operário, no decorrer dos anos 80, visou a retirada de direitos e o enfraquecimento máximo de suas instituições sócio-políticas, tais como o sindicato e o partido de massa.⁵

Ao mesmo tempo ocorria um desequilíbrio estratégico com o investimento massivo, por parte dos EUA, de recursos em novas armas de longo alcance e do projeto de defesa espacial. Esse movimento visou tanto a derrocada econômica da URSS como a ampliação da dependência da Europa em relação à força militar americana. Depois do fiasco da intervenção no Iran, os EUA limitaram-se a poucas ações na periferia imperial, mas trazendo sempre o acerbo caráter de terror de Estado em nome da “democracia” e dos “direitos humanos”. A invasão de Granada e Panamá, o bombardeio na Líbia, a tentativa de ocupação da Somália, foi sempre feita com a utilização de forças especiais de claro viés terrorista. Mas, em geral, a pressão econômica e diplomática mostrou-se suficiente para garantir os interesses imperiais, que jogava sua cartada mais alta na corrosão do combalido Império socialista oriental, conduzido pela URSS (ou pela Rússia, mais especificamente).

Começando a pressão pela Polônia, o elo mais débil do império soviético, utilizando a resistência operária e a instituição da Igreja Católica, o ataque econômico (a aceleração da militarização da Europa) e ideológico (em defesa dos “direitos humanos”) do grande capital imperialista frutificou no final da década, levando ao colapso toda a rede de Estados que compunham a URSS e seu arco de alianças. A impossibilidade de se reagir ao ataque do capital com a retomada da

⁵ Podem ser consultados Antunes (1995) e Alves 1(999).

democratização socialista, após décadas de submissão da classe operária pela burocracia pseudo-socialista, e a capitulação ideológica contida na tentativa de reversão para um capitalismo monopolista de Estado, empreendida por Gorbatchev, fez com que grande parte da camada dirigente se convertesse em burguesia privada, de clara estirpe criminoso e que se associou ao grande capital transnacional no processo de colonização do imenso mercado, agora aberto à rapina. A catástrofe social logo se fez presente, agravando drasticamente uma situação de penúria que se anunciava nos anos finais do regime socialista.⁶

O Império do Mundo ao alcance da vista

A desintegração do império socialista oriental fez com que o milenar projeto de um Império universal do Ocidente parecesse estar muito próximo de ser realizado. De um lado, a mundialização do capital continuou avançando, mas sempre com um número menor de empresas maiores. A financeirização do capital e a revolução técnico-científica também avançaram, assim como a colonização dos mercados periféricos, por meio das 'privatizações' das empresas públicas. A exploração social do trabalho aumentou sobremaneira, com a abolição progressiva de direitos sociais.

Por outro lado, a relação entre as regiões que compuseram a 'tríade' dos anos 80 (EUA – Alemanha – Japão), se modificou. O Japão parece estar enfrentando um declínio relativo, afetando também os chamados 'tigres asiáticos'. A Europa procurou acelerar seu processo de integração criando uma moeda única e fortalecendo as instituições burocráticas supranacionais às custas do esvaziamento das instituições liberal-democráticas nacionais, buscando ainda expandir-se para o Leste. A resistência da França à hegemonia da Alemanha e a ambigüidade da Grã-Bretanha, tem dificultado esse processo. A marca dos anos 90 foi mesmo o fortalecimento dos EUA como cabeça do Império, não só pelo seu crescimento econômico, em grande medida sustentado pela subtração da riqueza de vastas zonas do globo, mas pelo seu virtual monopólio e expansão da força militar, que recolocou os EUA na ponta da revolução técnico-científica.

Esse monopólio do uso e da delegação da violência legítima, reivindicado pelo EUA, foi posta em prática de maneira metódica na seqüência da desintegração da URSS, visando o controle de fontes de recursos naturais e de vias de circulação de mercadorias para a Europa. Assim, aproveitando-se de um movimento intempestivo do Iraque, visando ocupar o Kuwait, o EUA e seus aliados da OTAN desencadearam um ataque em larga escala, que terminou com o estabelecimento de bases militares no Golfo Pérsico e de zonas de limitação da soberania iraquiana sobre seu próprio território. O Iraque foi submetido a um cerco econômico de efeito genocida, assim como continuou sendo homeopaticamente bombardeado ao longo dos anos. Com isso a aliança anglo-americana-israelense pode manter um controle militar sobre o petróleo da região, ainda que a sua ambição estratégica estivesse saciada.

⁶ A literatura sobre a crise da URSS e do chamado "socialismo real" é já bastante vasta e diversificada, mas vale citar aqui, à título de exemplo, Callinicos (1992) e Kagarlitsky (1993).

Mais complexa, mas estreitamente conectada, foi a ação voltada à destruição e ocupação da Iugoslávia. Nesse caso Alemanha e EUA agiram juntos, mas com objetivos não exatamente coincidentes. Enquanto a Eslovênia e a Croácia foram atraídas para a esfera econômica do marco alemão, até com alguma facilidade, a Bósnia tornou-se um laboratório de experimentação de novas armas e campo de treino dos bombardeiros da OTAN. A imposição da aliança muçulmano-croata isolou os sérvios e anulou a possibilidade de uma aliança muçulmana mais ampla, que incluísse a Albânia. A manipulação do grupo armado chamado UCK, seriamente envolvido com o tráfico de drogas da Ásia central para a Europa, criou o motivo para a ocupação da Albânia e a ofensiva militar contra a que restava da Iugoslávia, redundando na ocupação do Kosovo (parte da Iugoslávia), na deposição do governo iugoslavo, que resistia ao poder imperial, e na interferência na Macedônia.

Dessa maneira, os recursos naturais da Ucrânia ficam sob vigilância mais estreita e o Iraque mais próximo. A própria Europa, já enfrentando uma crise social e econômica de proporções, vê sua soberania e suas decisões limitadas, caso já não bastasse os EUA preservarem o comando da OTAN e a série de bases militares no continente europeu. A tentativa de acelerar a construção da União Européia tem a finalidade de criar um contrapeso ao poder imperial dos EUA, sem contestar, no entanto, a própria essência do Império, que se manifesta no domínio universal do capital financeiro.⁷

No momento em que a crise do capital alcançou a casamata aparentemente inexpugnável dos EUA, depois de ter atingido os dois vértices inferiores da 'triade' (Japão e Europa), e quando a resistência ao Império se manifesta com alguma força, ainda que em dimensões e formas diversas, setores da oligarquia transnacional percebem a necessidade de se estreitar as amarras do Império. A imposição de medidas econômico-políticas pelas instâncias do capital financeiro cumpre funções análogas às da força armada. A devastação social da Argentina, com a conivência da sua classe dirigente, visando o impedimento do Mercosul e o processo de imposição da ALCA, é apenas um exemplo. De fato, o esforço americano para a imposição da ALCA, com a sua clara perspectiva colonialista, pretende expressar modelarmente o padrão imperial de organização do domínio do mundo. Assim é que o enfrentamento da contestação pela repressão se articula com a possível retomada da acumulação pelo investimento na indústria bélica e pela colonização dos mercados.

Nesse quadro, o rearmamento de Taiwan, voltado contra os interesses da China, a provocação contra os palestinos (que desencadeou a atual intifada) e o extermínio das lideranças da resistência popular pela máquina sionista de opressão, o 'plano Colômbia' (que visa à ocupação de um ponto estratégico de controle da passagem entre dois oceanos, de entrada na Amazônia brasileira e nos Andes e ao qual se somaria a criação de instalações militares no Maranhão - norte do Brasil, no Equador e na Terra do Fogo), a repressão contra o movimento 'antiglobal' em Genova, devem ser vistos em conjunto, como peças desse projeto de consolidação imperial. Esse projeto tem o objetivo da unipolarização do mundo e o fim de qualquer resistência à ação do capital, para o que a desterritorialização

⁷ Sobre a destruição da Iugoslávia pode ser visto Del Roio & Moraes (1999).

do Estado americano e de suas forças armadas apareçam também como necessidade sugerida pela mundialização do capital.

O Império do Mundo e a guerra infinita

Dentro desse contexto, os atentados perpetrados contra o Pentágono e contra o WTC, nos EUA, e que foram uma declaração de guerra por parte de um inimigo desterritorializado e sem identificação, serviu perfeitamente para acelerar esse plano. O aparente contra-ataque, com a agressão ao Afeganistão e ao Iraque, era na verdade uma ação já em andamento. A necessidade de se ocupar o Afeganistão e a Ásia central guarda o objetivo de fechar o círculo em torno das jazidas de petróleo e gás natural, além de complementar o cerco da China. A pressão exercida contra a Coreia do Norte visa criar dificuldades à uma possível unificação da península coreana, assim como gerar uma nova zona de tensão próxima a fronteira chinesa.

Ao mesmo tempo, os EUA aprofundam as suas possibilidades no escopo de impedir uma possível ação autônoma de uma Europa unificada. Se em um primeiro momento houve a aproximação entre a América e Europa em nome do combate ao 'terror', atraindo a Rússia e mesmo a China, cada qual com seus motivos particulares, logo os conflitos de interesse voltaram a prevalecer, pois o projeto anglo-americano de ocupar o Iraque não poderia obter o mesmo consenso. A oposição da China e da Rússia não seria uma surpresa, mas o objetivo de submeter a Europa, ou então de dividi-la, foi alcançado. A não ser pela resistência franco-alemã, a maioria dos Estados europeus mais frágeis preferiu ficar com os EUA. Assim, a própria contenda surda aberta na guerra balcânica, entre Alemanha e EUA, parece ter se resolvido em favor dos EUA, no momento em que os países da Europa oriental se postaram firmemente ao lado dos anglo-americanos. Certo que a contraparte foi a reticência da Turquia, expressa inclusive em forte movimento popular de oposição a guerra.

O fato de haver uma milenar tradição de desconfiança e repulsa em relação aos povos que professam o islamismo, chave negativa mesmo da criação da identidade do Ocidente, facilita a ação agressiva do Império. O declínio do império turco já havia aberto as portas para o avanço colonialista do Ocidente sobre todo o Oriente islâmico (do mesmo modo que também a Índia e a China foram vitimadas pelo colonialismo), aprofundando sua regressão econômica e cultural.

A fundação de Israel agravou as dificuldades que o mundo islâmico, em geral, teve para efetivar a construção de Estados nacionais nos quais florescesse uma cultura laica e a tolerância própria da religião islâmica. A impotência para vencer o atraso e as dificuldades na incorporação da ciência e da técnica preservou classes dirigentes francamente reacionárias. Essa situação criou as condições para que a resistência das massas à miséria e a humilhação se voltasse para formas 'fundamentalistas' e 'integristas' de islamismo, visto como o caminho de retorno a uma época de ouro liquidada pela opressão do Império do Ocidente. A fraqueza

militar e o desespero estimularam a única forma de luta que lhes pareceu possível: o sacrifício e o terror.⁸

Os efeitos colaterais da agressão imperialista são os esperados e indicam o agravamento das contradições, desde uma retração no comércio mundial, passando por uma queda vertiginosa no turismo internacional, até um deslocamento na rota do tráfico de drogas. O mais significativo, no entanto, é a crescente limitação dos direitos civis e democráticos nas zonas nas quais as liberdades políticas pareciam consolidadas e a possível desestabilização de alguns regimes políticos próximos aos interesses imperiais, o Paquistão e a Arábia Saudita, entre esses. Qualquer que seja o resultado de longo prazo da ocupação do Afeganistão e do Iraque, uma guerra de guerrilha encontrará condições apropriadas para se desenvolver, assim como a resistência palestina também tende a crescer, sendo ilusórias as tentativas de uma saída negociada na qual o povo palestino permaneça submetido aos ditames do Estado sionista. Mais prováveis são agressões subsequentes, seja contra a Síria a Coréia do Norte ou qualquer outra pequena nação.

A impossível consolidação imperialista do Império do Mundo

Os fundamentos do Império são oferecidos pela acumulação do capital, mas esse, ainda que tendendo a mundialização, não pode prescindir da mediação do Estado e tampouco é capaz de gerar um Estado e um governo mundial, dada a sua intrínseca contradição o que o leva à centralização crescente e a incorporar produtividade em detrimento do trabalho vivo, gestando uma massa sempre maior de proletários. Daí a necessidade que tem o capital de fazer uso de alguns Estados na defesa de seus interesses gerais, entre os quais ganha claro destaque os EUA.

Mas o predomínio da indústria bélica não deixará de enfrentar resistências, assim como a Europa tenderá a valorizar sua submissão aos EUA. A China, embora esteja integrada no circuito mundial do capital preserva sua soberania e atua para debilitar o poder imperial global. A recente aproximação entre os EUA, a Rússia, a Índia e a China, em nome do combate ao terror, é fragilíssima e segue cálculos políticos muito diferentes. Na verdade, o terror é um dos cruéis subprodutos do colonialismo e que só poderá ser extirpado no processo de luta antiimperialista, já que para o Império essa é uma batalha impossível de ser vencida, até mesmo porque o veneno está inoculado em suas próprias veias, fazendo a ação terrorista parte da sua essência agressiva (como tão bem mostram EUA e Israel).

A forma política imperial exige a existência de amplas zonas de não-Estado, para que floresçam negócios fundamentais para a acumulação do capital, como o tráfico de drogas, de armas, de detritos industriais e de escravos (as). Exemplos são vastas regiões da África, partes da América andina e a Ásia central. O Afeganistão, o Paquistão, o Tadjikistão e o Usbekistão são Estados com fronteiras fluidas e povoados por tribos que trazem consigo os sedimentos de antiqüíssimas formas sociais orientais, de colonialismos e de intentos de alcançar a

⁸ À propósito deve ser consultado a obra de Ali (2002).

modernidade. O mesmo parece ocorrer no Iraque e no futuro do conjunto da Arábia, situação ideal para um protetorado anglo-americano-sionista.

Assim é que a guerra imperialista na Ásia central e no Oriente Médio se entrecruza com conflitos tribais e com interesses extremamente diversificados, que perpassam o artificialismo das fronteiras e que realizam alianças com interesses externos que procuram tecer redes de controle regional dentro da geopolítica do Império. A ‘estabilização’ imperial nessas regiões será muito difícil, uma luta de guerrilha de inspiração diversificada terá continuidade e o ‘terror’, até por ser extraterritorial, migrará de um a outro lugar.

A agressão anglo-americana contra o Iraque, ao mais completo arrepio do frágil direito internacional, causando danos insanáveis a uma já decrépita ONU e fazendo da própria OTAN um artefato que resistiu ao tempo, teve o objetivo estratégico de causar danos sérios ao projeto de União Européia, postando uma cunha a mais nas cercanias da China, da Rússia e mesmo do Irã. Esse objetivo geopolítico se complementou com o acesso aos recursos naturais do Iraque, para o uso da América e também de Israel. O conjunto das motivações anglo-americanas na torpe agressão ao povo iraquiano está todo voltado para encontrar meios que superem a longa crise do capital e que estabilize o império sob a forma política de uma miríade de “democracias coloniais”. A “guerra infinita” continuará a fazer vítimas, mas exacerbará a luta de resistência contra o domínio imperial do Ocidente liberal, cujo núcleo encontra-se na aliança anglo-americana.

Mais que as contradições no seio do poder imperial, que assiste o embate entre seus muitos tentáculos, incluindo as suas degenerações, ganha força a resistência dos povos e de uma nova classe operária internacional que vem se forjando, descobrindo antigas e novas formas de luta contra o capital. Uma classe operária que terá que conviver com a diversidade humana da qual é a mais rica expressão. Hoje não se encontra mais espaço para uma classe operária ‘branca’ euro-ocidental se associar ao grande capital na exploração do mundo. Os embates e as alianças mais visíveis da luta antiimperialista de hoje estão indicadas nos movimentos sociais que se articulam em torno do Fórum Social Mundial e das gigantescas manifestações pela paz, que ocorreram em todo o planeta.

A classe operária que se forja como classe em oposição ao Império deverá ser um encontro de povos e de experiências para mais facilmente articular as formas de luta locais e cotidianas com as internacionalistas, sem deixar de lado ainda a necessária mediação do poder político estatal para a desconstrução do Império. No momento em que alcança seu apogeu, o antigo projeto do *imperium mundi* assiste a emergência lenta, mas inexorável, do seu antípoda fatal: o proletariado mundial, que está tanto na periferia quanto na proximidade do poder imperial. Mas essa é uma luta árdua que exige um entendimento teórico novo e que supere os vícios e clausuras do comunismo do século XX e possibilite a expressão organizada do novo sujeito político, cujo fundamento não pode ser outro, senão o trabalho humano em processo de auto-organização e emancipação.

Bibliografia:

ALI, T. (2002). *Confronto de fundamentalismos*. São Paulo: Record.

ALVES, G. (1999). *O novo (e precário) mundo do trabalho*. São Paulo: Boitempo.

ANTUNES, R. (1995). *Adeus ao trabalho?* São Paulo: Cortez.

- ARRIGHI, G. (1996). *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Unesp.
- CALLINICOS, A. (1992). *A vingança da História: o marxismo e as revoluções do Leste europeu*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CHESNAIS, F. (1996). *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã.
- DEL ROIO, M. (1998). *O império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo*. São Paulo: Ícone.
- DEL ROIO, M & MORAES, J. Q. (org.). (1999). "Dossiê Iugoslávia". *Novos Rumos*. São Paulo: IAP / IPSO, ano 14, n. 31.
- HARDT, M. & NEGRI, A. (2001). *Império*. São Paulo: Record.
- KAGARLITSKY, B. (1993). *A desintegração do monolito*. São Paulo: Unesp.